



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
FACULDADE DE DIREITO E RELÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS



Luiz Gustavo Costa Mantovani

“Engenharia Reversa” e a crítica à manipulação do discurso no combate ao ‘terror’

Dourados, fevereiro de 2018

Luiz Gustavo Costa Mantovani

“Engenharia Reversa” e a crítica à manipulação do discurso no combate ao ‘terror’

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Federal da Grande
Dourados, como pré-requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Orientador: Professor Doutor Roberto
Mauro da Silva Fernandes.

Dourados, fevereiro de 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M293" Mantovani, Luiz Gustavo Costa
"Engenharia Reversa" e a crítica à manipulação do discurso no combate ao
'terror' / Luiz Gustavo Costa Mantovani -- Dourados: UFGD, 2018.
68f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Roberto Mauro da Silva Fernandes.

TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e
Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Discurso. 2. Manipulação. 3. Instituições. 4. Inimigo. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 09 de fevereiro de 2018, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais o (a) aluno (a) **Luiz Gustavo Costa Mantovani** tendo como título "Engenharia reversa e a crítica do discurso no combate ao terror".

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Roberto Mauro da Silva Fernandes (orientador/a), Dr. João Nackle Urt (examinador/a) e Dr. Bruno Boti Bernardi (examinador/a).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado (a) APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: Realizar as correções e marcar o qual foi sugerido pela banca na versão final

Assinaturas:


Dr. Roberto Mauro da Silva Fernandes
Orientador/a


Dr. João Nackle Urt
Examinador/a


Dr. Bruno Boti Bernardi
Examinador/a

Dedico este trabalho à minha família por me apoiarem sempre em todas as minhas decisões e à minha namorada que sempre esteve do meu lado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço aos meus pais, que desde o começo sempre acreditaram em mim, me incentivaram e me deram todo o suporte necessário para seguir meus sonhos. Mesmo morando a um estado de distância, sempre que precisei, estiveram aqui para mim e me ajudaram a construir o que eu tenho hoje. Agradeço à minha irmã (gêmea), que sempre foi minha maior companheira e maior competidora e se não fosse por ela, eu provavelmente não me esforçaria tanto para chegar aonde cheguei.

Gostaria de agradecer em especial a minha namorada, que durante toda a graduação, foi a pessoa mais “presente”, mesmo estando a um estado de distância também, foi a pessoa que mais me ajudou, esteve envolvida em todas as grandes decisões da minha vida e que está construindo um ótimo futuro, do qual pretendo fazer parte.

Agradeço também ao meu orientador por embarcar nessa aventura comigo e por não desistir de mim, pois foi bem difícil essa jornada. Agradeço também aos professores da banca, que de certo modo me ajudaram iluminaram minha mente com ideias para esse trabalho. Agradeço também a todo corpo docente da faculdade que de certa forma, impactaram a minha forma de pensar e ver a sociedade e me tornaram uma pessoa mais crítica e consciente.

Gostaria de agradecer também todos os meus companheiros de Ínteri Jr., pois se não fosse o comprometimento e engajamento do movimento, eu não teria me descoberto. Sem dúvida, a experiência mais prazerosa e recompensadora da universidade, a que mais me ensinou e desenvolveu e sou especialmente grato por me ajudarem a encontrar o meu propósito, não só na faculdade, como na vida.

E por fim, agradeço a Netflix, se não fosse por esse serviço de *streaming*, eu provavelmente ainda estaria tentando descobrir um tema para realizar meu trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar o cenário distópico ilustrado no episódio ‘Engenharia Reversa’, o quinto episódio da terceira temporada, criado na série britânica *Black Mirror*, que de forma impressionante e surpreendentemente camuflada, relata a história de um soldado aparentemente norte-americano que se alista em um programa militar de combate e extermínio de criaturas geneticamente inferiores, chamadas “Baratas” (do termo em inglês *roaches*), passando por um processo de treinamento e condicionamento que inclui a implantação de um sistema de realidade aumentada e fortalecimento dos sentidos na mente dos militares. Esse episódio faz alusão a realidade, em que soldados são treinados a se distanciarem cada vez mais de seus inimigos, socialmente construídos, seja física e psicologicamente, desumanizando-os, para tornar sua execução mais aceitável. Além disso, o trabalho tratará da questão do discurso e como sua distorção e propagação é utilizada pelas instituições de forma a manipular a sociedade para atingir seus objetivos. Pelo fato do objeto de estudo ser muito recente e não haver muito material sobre o assunto, a pesquisa foi realizada por meio de artigos e livros acadêmicos, artigos de sites de notícias na internet e por materiais audiovisuais, como episódios de séries, da Netflix, por exemplo.

.

PALAVRAS-CHAVES: “Discurso”; “Manipulação”; “Instituições”; “Inimigo”.

ABSTRACT

This project aims to analyze the dystopic scenario illustrated in the episode 'Men Against Fire', the fifth episode of the third season, created in the British series Black Mirror, which in an impressive and surprisingly camouflaged, tells the story of, apparently, an US soldier who enlists in a military program to combat and exterminate genetically inferior creatures, called "Roaches", undergoing a process of training and conditioning that includes the implementation of a system of augmented reality and strengthening of the senses in the minds of the military. This episode alludes to reality, in which soldiers are trained to distance themselves more and more from their socially constructed enemies, both physically and psychologically, dehumanizing them, to make their execution more acceptable. Moreover, the work will deal with the issue of speech and how its distortion and propagation is used by institutions in order to manipulate society to achieve its goals. Being a very recent object of study and not having much material on, the research was done through articles and academic books, articles from news websites and audio-visual materials, such as episodes of series, from Netflix, for example.

KEYWORDS: "Speech"; "Manipulation"; "Institutions"; "Enemy".

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1.A SÉRIE <i>BLACK MIRROR</i>	14
1.1 ORIGEM E CONTEXTUALIZAÇÃO	14
1.1.2 Fifteen Million Merits e a sociedade do espetáculo	16
1.1.3 White Bear, a falta de empatia e os juízes de redes sociais.....	19
1.1.4 The Waldo Moment e a caricaturização da política	22
1.1.5 Nosedive e a capitalização do status social	25
1.2 Men Against Fire e a construção do inimigo.....	28
2. TERRORISMO E INIMIGO	33
2.1 CONCEITUAÇÃO E CONTEXTOS.....	33
2.2 Perspectiva Construtivista	35
2.3 Manipulação de discurso nas instituições.....	38
3. A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO EM ‘ENGENHARIA REVERSA’	47
3.1. Discurso na prática: utilização da manipulação do discurso na construção do inimigo	47
3.2. Men Against Fire (Charlie Brooker) x Men Against Fire (S.L.A. Marshall) ...	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Esse trabalho realiza uma análise acerca dos temas abordados no episódio “Engenharia Reversa” (do inglês, *Men Against Fire*), que trata de uma ação de tropas militares em um vilarejo, com uma espécie de tecnologia militar desenvolvida por eles para combater uma aparente raça geneticamente mutante. O seriado televisivo britânico *Black Mirror* foi idealizado e produzido pelo também britânico escritor, roteirista, satirista e comentarista Charlton “Charlie” Brooker.

Seguindo essa linha de pensamento, o interesse pelas guerras e as histórias por trás delas surgiu ainda nos tempos de escola, em que se ensinava o básico sobre as Grandes Guerras Mundiais e o desenvolvimento da indústria bélica e foi ganhando forças com maior esclarecimento na universidade, ao entrar em contato com materiais que expunham pesquisas e pontos de vistas acadêmicos, que dissertavam um pouco mais sobre essa relação e que motivava os países a declararem guerras uns contra os outros. Ao assistir ao episódio *Men Against Fire*, que trata sobre esse tema de maneira a focar na criação e utilização dessas novas tecnologias como instrumentos de coerção e aniquilação do inimigo, socialmente construído, de forma a descaracterizá-lo como indivíduo, houve um maior interesse em investigar essas relações, como será feito nesse trabalho.

O episódio tem como base uma operação de extermínio de uma raça humanoide considerada inferior e a problemática encontra-se diante da atuação estatal, aparentemente norte-americana, no episódio representado por uma organização militar. Vale ressaltar, que o conceito de raça expresso nesse trabalho está relacionado a denominação dada pelas personagens no episódio “Engenharia Reversa” ao se referirem às ‘baratas’. Então esse trabalho pretende investigar como uma instituição convence uma população a ser conivente com o massacre total de uma raça; quais e como são as relações entre as instituições que geram tamanha alienação. Além de averiguar como se constitui uma identidade e interesses e qual a relação do episódio com a realidade.

Assim como no episódio e objeto de análise, na realidade as instituições, que se referem às instituições sociais em geral, como a família; as governamentais, a exemplo do Estado; as educacionais, a exemplo de escolas e universidades; as econômicas, a exemplo de bancos; as religiosas, a exemplo das igrejas; e as midiáticas, a exemplo do rádio, televisão e internet.

Assim como Gramsci acreditava que a sociedade era “dirigida” por uma classe social antes mesmo dela chegar no poder, liderando e guiando a sociedade “moral e intelectualmente” (Monasta, 2010, p.23), pode-se dizer que as instituições utilizam dos discursos, manipulados, com conteúdo intolerante e hostil para condenar minorias, ou seja, aqueles que possuem maior poder de influência, utilizam-na para alcançar seus objetivos.

Sendo assim, autoridades disseminam esse tipo de discurso através dos meios de comunicação e das instituições pertencentes ou controladas pelo Estado. Levando em conta a alienação das grandes massas que compram essa ideia, sem ao menos buscar embasamento, acabam tornando essa fala em verdade absoluta e a reproduzem de forma a convencer a população de que condenar raças, etnias e crenças é algo normal.

De modo geral, *Black Mirror* ganhou notoriedade no cenário internacional e um *status* de *cult* por seus episódios abordarem temas pertinentes a realidade global, que são tratadas de uma forma obscura e maquiadas pelo gênero fictício, ilustrando cenários supostamente absurdos, mas que de uma forma ou de outra, expõe os problemas coletivos enraizados na sociedade em geral. Com um viés mais crítico, o programa faz o uso da tecnologia para intensificar e revelar os distúrbios de uma sociedade que se tornou refém da própria criação.

A premissa é muito simples. Muitos consideram o advento da tecnologia como a facilitadora e moderadora do desenvolvimento, mas atrelado ao caráter imoral e corruptível da sociedade, ela se torna uma arma ou instrumento de controle e alienação em massa. Indubitavelmente o progresso tecnológico trouxe consigo vários avanços em diversas áreas do conhecimento e ajudou o desenvolvimento e criação de muitos avanços, facilitando e agilizando o acesso a informação, sintonizando e aproximando as pessoas. Em contrapartida, essa tecnologia tornou-se uma extensão do ser humano, em que, nos dias de hoje, é totalmente dependente desse instrumento para realizar qualquer tipo de atividade.

O motivo da pesquisa sobre o seriado televisivo britânico *Black Mirror* é feito no intuito de repensar a forma como recebemos uma mensagem ou discurso propagado pela indústria midiática, como refletimos e assimilamos o conteúdo que nos é passado e até onde acreditamos no que nos é passado, como verdade absoluta, sem ao menos checar os fatos e fontes.

Além disso, o presente trabalho buscará investigar como essa indústria está relacionada com outras instituições e em que maneiras há um benefício mútuo da formação de uma coalisão, partindo do pressuposto de que cada instituição utiliza de seu poder de influência para atingir seus interesses e alienar grandes massas, mantendo o *status quo*, na mesma lógica gramsciana mencionada acima.

Esse trabalho irá abordar a perspectiva construtivista, que enxerga o mundo como uma construção social, que não é pré-determinada e os agentes podem criar instituições e estruturas. O construtivismo busca superar a visão de que os Estados têm capacidade de agência e mudar a estrutura, fazendo dela um sistema conflitivo ou pacífico (Wendt, 2013). Essa corrente de pensamento ajuda a compreender melhor a constituição das instituições, como elas se relacionam e como isso influencia na criação de uma identidade, que determina interesses. Também elucida que as interações dos agentes e instituições constituem regras, que regem os discursos, que têm o poder de reger e manipular a realidade (NOGUEIRA e MESSARI, 2005).

A metodologia utilizada nesse trabalho foi qualitativa, por meio de um estudo de caso, analisando o contexto do episódio *Men Against Fire* e estabelecendo uma relação com a realidade. Pelo fato do objeto de estudo ser muito recente (episódio foi lançado em outubro de 2016), houve muita dificuldade em encontrar materiais relacionados ao assunto, portanto a pesquisa foi embasada em episódios da série *Black Mirror*, artigos de portais de notícias, trabalhos acadêmicos relacionados ao tema do episódio e também pelas obras que influenciaram e inspiraram a criação do roteiro do capítulo da série britânica.

Esse trabalho tem como objetivos analisar a crítica feita no episódio “Engenharia Reversa” do seriado *Black Mirror* em que se trata da manipulação do discurso de combate ao ‘terror’; investigar os conceitos e como as pessoas concebem o terrorismo, analisando todos os arquétipos construídos socialmente na figura do terrorista; apresentar os verdadeiros motivos que impulsionam esse combate e identificar os interesses das instituições para com essa guerra.

Dessa forma, é possível avaliar os estudos por meio da análise de todos os materiais bibliográficos levantados, recortes históricos e o episódio da série televisiva *Black Mirror* para um melhor entendimento do elo que é estabelecido entre realidade e ficção que tratam do mesmo assunto com tanta verossimilhança, criando a imagem de

um futuro como um cenário distópico, embora seja muito mais real e possível do que parece.

Este trabalho está dividido em três partes, introdução; desenvolvimento (composto de 3 capítulos) e considerações finais. No primeiro capítulo é discutido o contexto em que o objeto de estudo se encontra, a origem da série, dos episódios, as intenções e motivações do criador e como ela se relaciona com a realidade, além de descrever a história de alguns episódios da série para o leitor se familiarizar com o clima da série. No segundo capítulo trata dos conceitos de terrorismo e inimigo, além de explorar a vertente construtivista nas Relações Internacionais e discutir acerca da manipulação de discurso. O terceiro capítulo fará um recorte histórico com exemplos de manipulação de discurso para construção da imagem de um inimigo na realidade e também aborda a relação das obras *Men Against Fire*, tanto o livro, quanto o episódio inspirado na literatura.

Por fim, as considerações que tem o objetivo de trazer as concepções do trabalho e associá-las com a realidade, de modo a fazer reflexões sobre o comportamento social e como lidamos com a alienação e os discursos. É importante salientar os aspectos de produção desse trabalho, já que o mesmo está sendo realizado de forma não convencional e tem como seu principal intuito o desenvolvimento de um estudo exploratório e descritivo.



A pedido do autor os Capítulos 1 e 2 foram retirados do pdf.

3. A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO EM ‘ENGENHARIA REVERSA’

3.1. Discurso na prática: utilização da manipulação do discurso na construção do inimigo

Desde a constituição da sociedade, o ser humano criou mecanismos para se organizar e estes mecanismos se fortaleceram com o tempo e se tornaram instituições, que ficariam responsáveis por manter a ordem e estabelecer normas de convivência. Com a constituição de regras sociais, veio as culturas e condutas, que criaram identidades e se diversificaram. Porém, nessa organização social, houve uma segregação, seja por classe, gênero, raça ou crença que elevou o *status* de uma parcela da sociedade, dando o poder para eles, e rebaixou o resto.

Entretanto, para que o grupo que está no poder se mantenha, eles necessitam que os demais grupos não estejam e para isso esses grupos não devem demonstrar interesse no poder ou se interessarem por outras coisas, então a surge a importância da manipulação do discurso. Quem detém o poder, geralmente detém os meios de produção, usando-os a seu favor e controlando quem precisa ou está em contato com eles, dessa forma, quem detém o controle desses meios podem utilizá-los para propagar o que quiserem, e nisso vem os discursos, que alienam outros grupos e ajuda quem está no poder, a se manter.

Historicamente há grandes casos em que se usou da manipulação de discursos para que grandes instituições ou indivíduos pudessem chegar ou se manter no poder. Esse tópico irá tratar de dois grandes casos de manipulação de discursos para interesses próprios; um caso que já ocorreu e um que ainda ocorre. O primeiro sendo a história da Alemanha nazista e ascensão de Hitler e o outro, sendo o caso da perseguição de palestinos pelo estado sionista.

O caso alemão: ascensão de Hitler

Logo após perder a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi obrigada a assinar o Tratado de Versalhes, que a obrigava a restituir os países da Tríplice Entente pelos prejuízos da guerra. Com isso o país sofreu inúmeras baixas, perdendo territórios, poder bélico e ainda ficou com uma dívida exorbitante, levando o país a uma grande crise, que daria espaço a qualquer discurso de esperança.

Com o aumento da pobreza, aumentava também os conflitos políticos, que na época comunistas também tentavam chegar ao poder, até que surge a figura de Adolf Hitler, fundador de seu próprio partido, que pregava ideais nacionalistas extremistas. Hitler aproveitou-se da crise para culpar os judeus, grandes bancários, da crise econômica e defender seu posicionamento militar nacionalista, já que a confiança alemã havia sido abalada pelas derrotas sofridas na guerra.

Após a Grande Depressão de 1929, a economia mundial entrava em colapso, assim como a Alemanha, que teve milhares de trabalhadores perdendo seus empregos, muitas indústrias fechando e a miséria se alastrando. Aproveitando-se da situação, Hitler utilizava de seu partido e seus discursos para propagar suas ideologias e oferecia esperança a uma população assolada de tragédias. Alienados pelo futuro prometido por Hitler, de resgate a identidade alemã, por meio a uma unificação e fortificação, seu nome e seu partido começaram a ganhar muito destaque no cenário político alemão.

Com isso, foi financiado pela burguesia e a classe média, devido ao medo da Alemanha se tornar comunista, o partido de Hitler ganhou força no parlamento e a adesão de muitos alemães. A Ascensão do criador do partido o levou ao principal cargo político do país e foi então que Hitler começa a colocar em prática sua ideia de construir uma nação unificada, forte e “superior”. Foi a partir desse momento que o então comandante instaurou um regime nazista e utilizou do controle de todas suas instituições para colocar o pregar a eugenia e afirmar a raça ariana como comandante e também a caçar as “raças inferiores”, incentivando a perseguição a negros, judeus, homossexuais, entre outros.

Segundo Tiago Henrique da Luz, a abordagem de Jean-Gerard Bursztein esclarece os mecanismos psicológicos que explicam a atuação da Alemanha durante o período de Weimar, por ele definido como uma “psicose social”, e segundo o psicanalista:

o laço social da civilização - ou seja, as estruturas culturalmente construídas que permitem o funcionamento normal da civilização - teria sido rompido e, perdendo todas as referências anteriores, formou-se uma atmosfera de nostalgia, uma “sede de ilusão”. O fortalecimento da corrente política nazista se explica, portanto, através da paixão nacionalista, que fornecia a matéria comum para o suposto “objeto de gozo comum” inexistente. O

nazismo propunha em seu discurso e em suas práticas, uma participação nesse objeto de ilusão política. A ilusão política consistia precisamente no mito da pertinência a uma raça superior, destinada a dominar a terra: uma “promessa inaudita de gozo”, sob a forma de um delírio. (Da Luz, 2013)

Sob a falsa pretensão de unificação de uma nação dividida e enfraquecida, Hitler se aproveita da massa de manobra para vender seu discurso nacionalista de fortalecimento e recuperação alemã. Assim que assume o poder, mais uma vez utiliza do discurso para manipular os cidadãos, de forma a constituir a imagem do negro, judeu e homossexual como inimigos da nação, que ameaçam a soberania da raça ariana. Com a disseminação de uma doutrina eugenista, houve uma grande adesão às forças nazistas alemãs, que ajudaram o Reich na manutenção do poder e conquista de interesses.

O caso palestino: o novo holocausto

Com a grande migração de povos judeus em território palestino, houve um crescente no movimento sionista, que prevê a criação de um Estado nacional soberano judaico. A adesão dessa corrente política na Palestina, começou a gerar diferenças entre povos que não se viam como inimigos, porém após o holocausto, houve um grande movimento de refúgio, até mesmo de militares para as regiões árabes, o que intensificou a busca por um estado sionista.

O estado israelense utiliza a perseguição sofrida no holocausto como para se vitimizar frente ao cenário internacional, a fim de persuadir outros estados para atingir seus interesses, o que Fikelstein chamou de “indústria do holocausto”³. Nas palavras de Fábio Bacila Sahd

[..] longe de ser abordado conforme a totalidade de suas evidências históricas, criou-se uma exploração industrial em torno do assunto[...] os principais objetivos aos quais “a indústria do Holocausto” serve são “justificar políticas criminosas do Estado de Israel e o apoio americano a tais políticas” e extorquir dinheiro de países europeus, em nome das “necessitadas vítimas do Holocausto” (Sahd, 2011, p.158)

³ [...]é uma “construção ideológica de interesses investidos” (Sahd, 2011, p.158)

Com a utilização do discurso do Holocausto, Israel justificava suas invasões a territórios árabes por medo de ataques terroristas e “como as exigências da propaganda oficial israelense ficaram sob o ataque desmoralizador dos “novos historiadores” de Israel, os apologistas tentaram desesperadamente ligar os árabes ao nazismo” (Fikelstein, apud Sahd, 2011, p.163)

Ao associar a imagem de árabes com o nazismo e constantemente reforçar a ideia de um povo terrorista, os judeus condicionaram tanto seu povo, como suas forças a enxergar o árabe como inimigo iminente. A perseguição ao estado sionista e reivindicação de um território palestino remete ao caso anterior e assim como a Alemanha nazista, o Estado Sionista utiliza da manipulação do discurso para atingir seus objetivos e conseguir a manutenção deles. Assim como manipulou a imagem dos árabes para perseguí-los e invadir território palestino sob a justificativa do Holocausto e manter o controle da área, conseguindo grande influência no Oriente Médio.

3.2. *Men Against Fire* (Charlie Brooker) x *Men Against Fire* (S.L.A. Marshall)

O tópico final deste trabalho irá abordar duas obras com o mesmo tema, porém abordadas de formas distintas. O episódio e objeto de estudo deste trabalho, o episódio “Engenharia Reversa” da série *Black Mirror*, escrita por Charlie Brooker, que possui seu título original em inglês *Men Against Fire*, justamente devida a obra homônima do historiador e general Samuel Lyman Atwood Marshall, que no Brasil recebeu o título “Homens ou Fogo?”.

O capítulo da série britânica se inspira na pesquisa realizada pelo general Marshall em sua obra para contextualizar seu enredo e justificá-lo. Embora não haja qualquer citação explícita, o próprio nome do episódio e o discurso final desenvolvido por um dos personagens, evidencia a referência ao livro de S.L.A. Marshall.

Como apresentado no fim do primeiro capítulo deste trabalho, o episódio “Engenharia Reversa” situa-se em um futuro distópico, em que uma base com forças militares aparentemente norte-americanas (Figura 5), atuam em um território estrangeiro fornecendo à população proteção contra as “baratas”, seres geneticamente mutados, que apresentam ameaça a sociedade.



Figura 5: Base militar aparentemente norte-americana

Os soldados que se alistam para essas forças militares, concordam em implantar um sistema neural, chamado de *MASS*. Esse sistema tem como função aumentar e melhorar suas capacidades físicas e mentais, dando-lhes até recursos integrados, como banco de dados e realidade aumentada (Figura 6). Além disso, o sistema é conectado aos supervisores, que têm o poder controlar os sonhos dos soldados, a fim de aliená-los para o combate.



Figura 6: Realidade aumentada proporcionada pelo sistema MASS

O problema da utilização da tecnologia utilizada pelo sistema *MASS*, é a distorção da realidade, já que ele controla a mente dos soldados e tudo o que eles vêem. A principal mudança nos aspectos da sociedade está ligada as “baratas”, que não passam

de pessoas normais, das quais as forças militares e a população quer se livrar. O sistema desfigura seus rostos, trocam suas vozes por ruídos e alteram até mesmo o cheiro dessas pessoas, para que elas se tornem repugnantes (Figura 7).

Isso ocorre devido à discriminação de uma população, que se julga superior a esses seres humanos, e associado a mídia e outras instituições propagam o terror disseminado mentiras e vinculando a imagem de “baratas” perigosas e contagiosas a uma parcela da sociedade considerada inferior. No episódio, uma das até então “baratas”, revela-se como um ser humano comum, chamada Catarina, que tenta explicar ao soldado Stripe do porquê ele não estar mais enxergando-a como um monstro:

-Você me vê como eu sou.

-É claro que te vejo.

-Não me vê como barata?

-Você não é uma barata.

-As baratas são todas...

-Desfiguradas?

-Baratas não falam.

-Vocês não podem nos ouvir.

-Do que está falando?

-Dos implantes. Os implantes do exército.

-O sistema *MASS*?

-Colocam-no em sua cabeça para ajudar a lutar. Quando funciona, você nos vê de forma diferente.⁴ (*Men Against Fire*, 2016, tradução do autor)

⁴Trecho original: -You see me as I am.-Of course I see you. - You don't see roach? - You ain't a roach. - Roaches is all...-Fucked up? - Roaches don't speak. - You just can't hear us. - What the fuck are you talking about? - Your implants. Your army implants. - The Mass system? - They put it in your head to help you fight, and when it works, you see us as something other.



Figura 7: Imagem de como as “baratas” se parecem com (imagens à esquerda) e sem (imagens à direita) o sistema MASS

Ainda confuso como os implantes funcionam e como vem sendo manipulado, Stripe questiona se a realidade é a mesma para todos e se todos enxergam o mundo como ele, porém Catarina o expõe à verdade:

-Mas eu vi as baratas. Eu as vi, elas são todas...São como...

-Animais?

-São monstros! Eu as vi!

-O implante te faz enxergar assim.

-Caramba. Os aldeões...

-Os moradores não são do exército. Não têm implantes na cabeça. Eles temem as baratas.

-Eles as odeiam.

-Todos nos odeiam.

-E o que eles veem? Civis olham para uma barata e veem o quê?

-O mesmo que você está vendo. Eles nos odeiam, porque foram ensinados a odiar.⁵ (Ibidem, tradução do autor)

Ao mesmo tempo que elucida toda a situação para Stripe, Catarina também explica os motivos pelos quais a sociedade, alienada pelas instituições, passou a “monstrificá-los” e caçá-los:

Começou há dez anos, após a guerra, com o programa de triagem, com os exames de DNA. Depois o registro, as medidas de emergência... De repente, todos passaram a nos chamar de criaturas. Criaturas imundas. Por toda parte. Na TV, no computador... Dizem que somos doentes, que temos uma fraqueza no nosso sangue, que a nossa linhagem não pode continuar existindo, que nós não podemos existir. Meu nome era Catarina. O dele era Alec. Agora somos apenas baratas.⁶ (Ibidem, tradução do autor)

Após descobrir toda a verdade sobre a manipulação do sistema *MASS* e distorção da realidade, Stripe é levado de volta a base militar, na qual é mantido como prisioneiro. Ainda tentando manipular as emoções do soldado, Arquette tenta convencê-lo de seus motivos para controlar o sistema neural e influenciar suas ações:

-É tudo mentira.

-Entendo por que você diz isso.

-As baratas são exatamente como nós.

-São, sim. Por isso são tão perigosas. Humanos... Nós nos damos uma má reputação, mas temos grande empatia como

⁵ Trecho original: But I've seen roaches. - I've seen them, they're fucking...They're like, uh... - Animals? - No, they're monsters. I've seen them. - The implant made you see this. - Fuck. The villagers... Huh? - The locals, they... they ain't army. - They got no Mass in their heads. - They're scared of the roaches. - They hate the fucking things. - Everybody hates us. - Well, what the fuck do they see? Huh? The fucking civs, when they look at a roach, what do they see? - What you see now.They hate all the same because it's what they've been told.

⁶ Trecho original: Ten years ago, it began. Post-war. First, the screening programme, the DNA checks, then the register, the emergency measures. And soon everyone calls us creatures. Filthy creatures. Every voice. The TV. The computer. Say we have... we have sickness in us. We have weakness. It's in our blood. They say that our blood cannot go on. That we cannot go on. My name was Catarina. He was Alec. Now we're just roach.

espécie. Não temos vontade de matar uns aos outros, o que é bom. A menos que o seu futuro dependa da extinção do inimigo.⁷ (Ibid., tradução do autor)

Para complementar seu ponto de vista, argumenta utilizando fatos históricos, baseados nos estudos de Marshall, do livro homônimo que inspira o episódio:

Há muitos anos, no início do século 20, a maioria dos soldados nem disparava suas próprias armas. Quando disparavam, miravam acima da cabeça dos inimigos. De propósito. O exército britânico, na Primeira Guerra Mundial. O brigadeiro ia até os soldados com uma vara e batia neles para que atirassem. Até mesmo na Segunda Guerra Mundial, em combate, somente de 15 a 20% dos soldados puxavam o gatilho. O destino do mundo estava em risco, e apenas 15% deles atiravam. O que se conclui? Que a guerra teria acabado muito mais rápido se os militares agissem devidamente. Então nos adaptamos. Treinamento melhor, condições melhores... Chegou a Guerra do Vietnã, e o percentual de disparos subiu para 85. Muitas balas eram atiradas, mas as mortes ainda eram poucas. E quem conseguia matar costumava voltar com sérios problemas mentais. As coisas continuaram assim até *MASS* chegar. (Ibid., tradução do autor)⁸

Arquette relata todas as informações ruins e os pré-conceitos contra as “baratas”, alegando que a existência delas na sociedade é prejudicial para a continuação da humanidade. O advento do sistema *MASS* é responsável pelo condicionamento dos soldados para aniquilar esses seres, já que cidadãos comuns não têm coragem de cumprir com essa tarefa.

⁷ Trecho original: The whole thing is a lie. - I understand why you'd say that, yeah. - Roaches. They look just like us. - Of course they do. That's why they're so dangerous. Humans. You know, we give ourselves a bad rap, but we're genuinely empathetic as a species. I mean, we don't actually really want to kill each other. Which is a good thing. Until your future depends on wiping out the enemy.

⁸ Trecho original: Many years ago, I'm talking early 20th century, most soldiers didn't even fire their weapons. Or if they did, they would just aim over the heads of the enemies. They did it on purpose. British Army. World War I. The brigadier, he'd walk the line with a stick and he'd whack his men in order to get them to shoot. Even in World War II, in a firefight, only 15%, 20% of the men would pull the trigger. The fate of the world at stake and only 15% of them fired. Now what does that tell you? It tells me that that war would have been over a whole lot quicker had the military got its shit together. So we adapted. Then comes the Vietnam War, and the shooting percentage goes up to 85. Lot of bullets flying. The kills were still low. Plus the guys who did get a kill, well, most of them came back all messed up in the head. And that's pretty much how things stayed until Mass came along.

MASS é a maior arma militar de todas. Ela ajuda com as informações, com a mira, com a comunicação e com o condicionamento. É muito mais fácil puxar o gatilho mirando no bicho-papão. Mas não são só os seus olhos. Outros sentidos também são afetados. Você não ouve os gritos, não sente o cheiro de sangue e de merda. São seres humanos. Faz ideia da quantidade de merdas que elas têm no DNA? Maiores probabilidades de câncer, distrofia muscular, esclerose múltipla, síndrome de Sjögren-Larsson, QI baixo, tendências ao crime, desvios sexuais... Está tudo lá. A triagem identifica tudo. É isso que você quer na próxima geração? Não se sinta mal por fazer o seu trabalho. Os aldeões não o farão. Os moradores da sua cidade não o farão. Eles não têm *MASS*. *MASS* faz com que matem.⁹ (Ibidem, tradução do autor)

O sistema *MASS*, que no episódio da série britânica, sua tradução português-brasileira traz equivocadamente o significado de ‘máscara’, é porém, um erro totalmente compreensível e até mesmo aceitável, devido sua compatibilidade com o contexto. *MASS* trata-se do nome do sistema implantado nos soldados para controlar suas emoções e ações, esse mesmo sistema utilizado para mascarar a realidade a qual os soldados estão inseridos, uma vez que distorce tudo que eles sentem, vêem e ouvem para tornar suas ações violentas e atos de extermínio justificáveis.

MASS é a personificação da manipulação, funcionando de forma a alterar realidades, alienando os receptores, que propagam discursos e realizam ações as quais são condicionados, que aparentemente não são intrínsecas a vontade humana, mas que são ensinadas à humanidade. Dessa forma, seres humanos são ostracizados da sociedade, renegados pelas instituições, transformados em monstros, para que então haja uma ‘caça às bruxas’ promovidas pelas instituições (seja mídia, exército, governo ou família) para aniquilar essas “baratas”.

⁹ Trecho original: You see, Mass... Well, that's the ultimate military weapon. It helps you with your intel. Your targeting. Your comms. Your conditioning. It's a lot easier to pull the trigger when you're aiming at the bogeyman, hmm? It's not just your eyes, though. Takes care of your other senses, too. You don't hear the shrieks. You don't smell the blood and the shit. They're human beings. Do you have any idea the amount of shit that's in their DNA? Higher rates of cancer. Muscular dystrophy. MS. SLS. Substandard IQ. Criminal tendencies. Sexual deviances. It's all there. The screening shows it. Is that what you want for the next generation? Don't feel bad about doing your job. The villagers won't do it. The folks back home won't do it. They don't have Mass. Mass lets you do it.

O discurso final de Arquette para Stripe, ao falar sobre o histórico de soldados em guerras e suas pré-disposições para atirar nos inimigos, é baseado na pesquisa feita por Samuel Lyman Atwood Marshall, um militar, historiador, que participou das grandes guerras mundiais, que relata comportamento dos soldados e os acontecimentos de guerra. Essa pesquisa se encontra em sua obra “Men Against Fire: The Problem of Battle Command”, que inspirou o enredo e até mesmo o título do episódio de *Black Mirror*.

Nesse livro, Marshall entrevistou diversos soldados durante a Segunda Guerra Mundial e descobriu que os militares não se engajavam contra o inimigo e que aproximadamente apenas um quarto do contingente realmente combatia o inimigo, até mesmo as tropas mais experientes titubeavam nesse aspecto. O autor, ao investigar meticulosamente os dados, descobriu que algum dos homens nem empunhavam suas armas, principalmente os que atuavam nas tropas que eram mais atacadas.

Soldados que sofriam mais ataques tinham dificuldades de contra-atacar, e segundo relatos, alguns até possuíam visão clara e nítida dos inimigos, mas mesmo assim, não atiravam. O autor atribui esse comportamento de soldados pela falta de experiência em combate em campo, pelo fato de muitos nunca terem participado de uma guerra real. Segundo ele, “em uma companhia de Infantaria, com experiência normal de combate, em um dia de ação de intensidade média, o número de homens que se empenhavam com quaisquer das armas era, aproximadamente, 15% do efetivo total”.

Mesmo Marshall afirmando que esse número em si não apresenta um grande problema, porém a questão se encontra no volume de combate:

O fato é, simplesmente, este: de uma média de cem homens ao longo da linha de fogo, durante o encontro com o inimigo, somente 15 tomarão parte do mesmo, com suas armas. Esta verdade permanecia, quer a ação se desenvolvesse durante um dia, dois ou três; o prolongamento do combate não aumentava os números de maneira apreciável. (Marshall, 2003, p.59)

Baseado na obra de S.L.A. Marshall, Dave Grossman fez um grande estudo, relatado em seu livro “On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War”, que conta sobre o comportamento dos soldados nas guerras e disserta mais sobre as alternativas e técnicas contra a resistência dos combatentes em matar seus inimigos.

Acerca dessa obra, tenente coronel e também mestre em Relações Internacionais Luis Eduardo Pombo Celles Cordeiro explica:

[...]os acadêmicos militares contemporâneos souberam desenvolver ferramentas comportamentais que fizessem com que o ato de matar se tornasse menos “desconfortável” para o combatente. Com métodos que visam distanciar o inimigo do atacante, fazer com que o outro dê a vida (vida) pela pátria alheia tornou-se algo cada vez mais aceitável, pelo menos na teoria. (Cordeiro, 2016)

Cordeiro também explica que os treinamentos realizados com os soldados têm a intenção de distanciar a proximidade com o inimigo, tanto física como psicológica, afinal ele ainda é um ser humano, portanto seria mais difícil de mata-lo e então, classifica os quatro tipos de distância, criadas por Grossman, que influenciam um ser humano de tirar a vida do outro:

- cultural, acentuada por diferenças raciais e/ou étnicas que permitem que eu desumanize o inimigo;
- social, nascida pela crença em sociedades estratificadas na existência de "castas" superiores e inferiores e, portanto, com prerrogativas diferentes de direito à vida;
- moral, nas situações onde é aceita a superioridade "moral" da causa pela qual se acredita, sobre a do inimigo, normalmente nutrida por desejos de vingança e/ou justificação que seriam "legitimados", e;
- mecânica, é a distância física do inimigo que permite a sua visualização por meio de um monitor de TV, a lente de um sniper ou de um sinal na tela do RADAR, tirando assim a sua humanidade, pois ele não é mais uma pessoa e sim um alvo (Ibidem)

Em sua obra, Grossman (1996) relata que após os estudos de Marshall, que revelaram que apenas 15 por cento dos soldados atiravam em seus inimigos, mas de acordo novos estudos, os índices de combatentes que empunhavam suas armas e disparavam contra o inimigo foram para 55 por cento na Guerra da Coreia e de 90 a 95 por cento na Guerra do Vietnã (Gráfico 1). Dá-se créditos a essa melhora aos métodos

corretivos comportamentais e medidas de treinamento implantadas após os estudos de Marshall e a Segunda Guerra Mundial.

A capacidade de aumentar essa taxa de disparo, porém, vem com um custo oculto. O trauma psicológico grave torna-se uma possibilidade distinta quando as salvaguardas psicológicas de tal magnitude são substituídas. O condicionamento psicológico foi aplicado em massa a um corpo de soldados, que, em guerras anteriores, demonstraram ser incapazes de se envolver em atividades de morte. Quando esses soldados, já agitados interiormente por suas experiências internas de matança, voltaram a ser condenados e atacados por sua própria nação, o resultado foi muitas vezes um trauma psicológico adicional e danos psíquicos de longo prazo. (Grossman, 1996, tradução do autor)¹⁰

Para que os soldados não sofram tanto os impactos da guerra e fiquem mais suscetíveis ao combate, de forma a diminuir sua empatia com outros seres humanos, as escolas militares criaram mecanismos para condicionar seus combatentes a batalha, de forma que:

Todos os aspectos de matar no campo de batalha são ensaiados, visualizados e condicionados. Um aspecto adicional desse processo que merece consideração aqui é o desenvolvimento de um mecanismo de defesa de negação. Os mecanismos de negação e defesa são métodos inconscientes para lidar com experiências traumáticas. [...] basicamente, o soldado ensaiou o processo tantas vezes que, quando ele mata em combate, ele é capaz de, em um nível, negar a si mesmo que ele realmente está matando outro ser humano. Este ensaio cuidadoso e mimetismo realista do ato de matar permitem que o soldado se convença de

¹⁰ Trecho original: The ability to increase this firing rate, though, comes with a hidden cost. Severe psychological trauma becomes a distinct possibility when psychological safeguards of such magnitude are overridden. Psychological conditioning was applied en masse to a body of soldiers, who, in previous wars, were shown to be unwilling or unable to engage in killing activities. When these soldiers, already inwardly shaken by their inner killing experiences, returned to be condemned and attacked by their own nation, the result was often further psychological trauma and long-term psychic damage.

que ele apenas "envolveu" outro alvo.¹¹ (Ibidem, tradução do autor).

Como apresentado em ambas obras intituladas *Men Against Fire*, os soldados são condicionados a aniquilar uma “raça” inteira porque parte da sociedade a considera inferior e a vê como uma ameaça a humanidade. E a sociedade pensa dessa forma, pois também é ensinada a pensar de tal forma, uma vez que há grandes instituições acerca dela disseminando discursos e transformando uma parcela da população em inimigos.

Portanto, assim como o sistema *MASS*, implantados nos militares que distorcia a realidade para que os soldados vissem certos civis como “baratas”, a fim de desumanizá-las para combatê-las; após a Segunda Guerra Mundial, técnicas e exercícios de treinamento condicionaram militares a distanciarem-se física e psicologicamente de seus inimigos de forma a facilitar para que eles puxem o gatilho. Ou seja, em ambos os casos, há o controle de instituições sob a população a fim de aliená-la para atender seus interesses.

¹¹ Trecho original: Every aspect of killing on the battlefield is rehearsed, visualized, and conditioned. An additional aspect of this process that deserves consideration here is the development of a denial defense mechanism. Denial and defense mechanisms are unconscious methods for dealing with traumatic experiences. [...] Basically the soldier has rehearsed the process so many times that when he does kill in combat he is able to, at one level, deny to himself that he is actually killing another human being. This careful rehearsal and realistic mimicry of the act of killing permit the soldier to convince himself that he has only "engaged" another target.

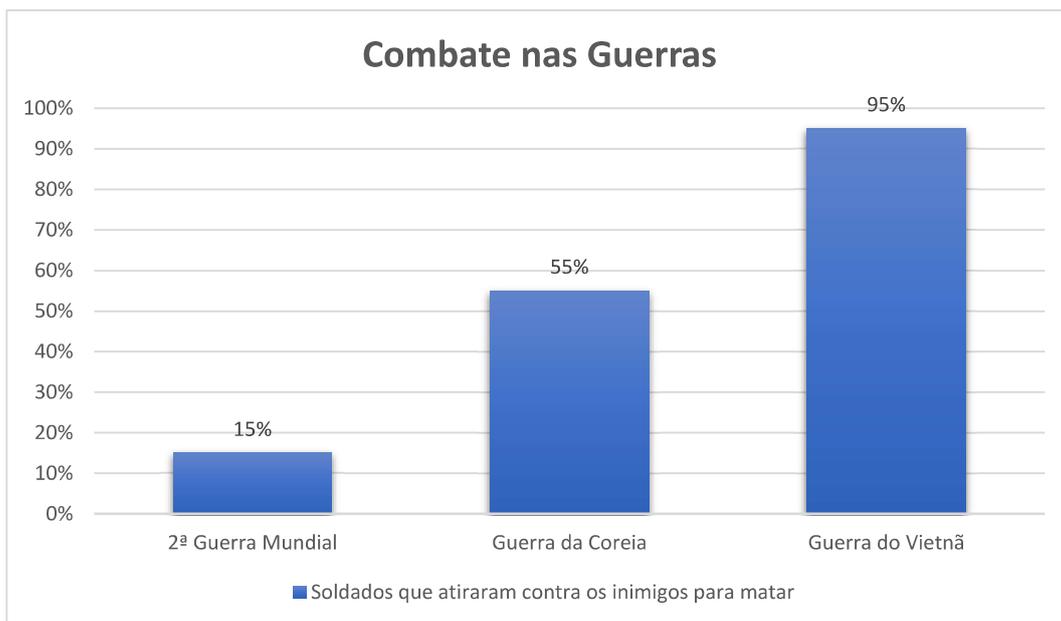


Gráfico 1: Porcentagem de soldados que atiraram para matar nas guerras, segundo Marshall (2003) e Grossman (1996)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o filósofo canadense Marshall McLuhan, assim como em sua obra “Os meios de comunicação como extensões do homem”, o autor acredita que as tecnologias advindas do ser humano são utilizadas como instrumentos para aperfeiçoar seus sentidos, ou seja, são extensões do próprio homem, assim como as roupas seriam a extensão da pele ou os automóveis seriam a extensão dos pés. O autor ainda cita em um dos capítulos de sua obra, fazendo uma ligação com o mito de Narciso, que essas extensões são usadas de forma a evitar as irritações e problemas da vida, instaurando um certo tipo de equilíbrio, entorpecendo-nos. Então, assim como narciso sentiu-se entorpecido por seu reflexo na água, uma mera extensão de sua imagem, o homem também se sente entorpecido por suas tecnologias, ambos se tornando servomecanismos (McLuhan, 1964, p.59-64).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Charlie Brooker, em entrevista ao jornal britânico *The Guardian*, fala um pouco sobre o vício em dispositivos tecnológicos e como pode ser perigoso esse hábito, já que a tecnologia de alguma forma alterou as funções humanas. O criador de *Black Mirror* ainda se preocupa onde essas ações irão nos levar e quais serão os efeitos colaterais desses “espelhos pretos” encontrados nas telas dos aparelhos que estão presentes em todos os lugares.

Um dos maiores motivos da preocupação de Charlie não é para com a tecnologia em si, o problema está nas pessoas que corrompem essa ferramenta para fins próprios. Em uma escala um pouco maior, o Estado representado por pessoas ou instituições também corruptas utilizam da tecnologia para criar instrumentos de controle, assim como apresentado no episódio *Men Against Fire* e também qualquer fato histórico referente a guerras. O próprio criador da série revelou ao portal de notícias *VICE UK* que quando era mais novo tinha um medo real de que fosse morrer em uma guerra nuclear, em que informações sobre ela eram transmitidas pela mídia criando um alarde traumatizante. Charlie acreditava que seria morto justamente em razão do progresso e da tecnologia, motivo que o inspirou a desenvolver *Black Mirror*.

Em um cenário no qual a indústria tecnológica, que desde décadas atrás usa de seus materiais para fazer propagandas para vender seus modelos e promover o desenvolvimento por meio avanços em todas as áreas do conhecimento, é importante

que haja novas formas, novas perspectivas acerca de assuntos, que até então possuíam apenas um ponto de vista, como o incentivo ao consumo desenfreado a esses *gadgets* e a construção de uma imagem social que deve ser alcançada por meio da obsolescência e alienação.

Em um mundo em que a vida imita a arte e que a arte também imita a vida, fica cada vez mais difícil diferenciar ficção e realidade. O discurso que nos é passado, diariamente por meio das instituições, reforça ideias que eles querem que nós pensemos, nossa realidade é forjada por falácias, que de tanto serem reproduzidas, se tornam verdade, na boca e na mente das massas, que repetem esses conteúdos sem ao menos entenderem sua origem ou contexto.

De acordo com o assunto já mencionado anteriormente, a imagem dos árabes e palestinos hoje, segundo os israelenses ou a imagem de judeus, negros e homossexuais durante o período nazista, são similares a imagem das “baratas” no episódio, já que não condizem com a imagem do inimigo, com o arquétipo de tirano, terrorista ou deturpador da moral. Essa imagem é socialmente construída, por meio de discursos manipulados para atender a demanda de algum agente, que necessita que as pessoas vejam outras como inimigos, pois representam um “perigo” apenas para ele e seus interesses.

As instituições, mais especificamente a midiática, possuem um dos maiores alcances sociais e o maior poder de influência, tanto é que outras instituições a procuram para se divulgarem ou tentarem instituir uma boa imagem sobre si.

A corrente teórica construtivista nas Relações Internacionais entende que a realidade é socialmente construída, ou seja, não é pré-determinada, os agentes podem criar instituições e estruturas em um processo de co-constituição. A teoria também tem o entendimento de que as relações entre os agentes constituem as regras, que regem os discursos e por sua vez, a própria realidade. A manipulação do discurso, por meio da distorção de fatos e informações é uma das principais armas nas mãos das instituições, que as usam para propagar seus valores e convencer as massas de que seus inimigos, também devem ser inimigos de todos, dessa forma criando um cenário de medo e perseguição a esses indivíduos que apresentam, de alguma forma, ameaças apenas a quem detém o poder.

Essas manobras ocorreram no período entre guerras, a Alemanha nazista, que ascendeu devido a um grupo que distorcia fatos para manipular as massas através de seu

discurso, construíram a imagem de inimigos do Estado; o judeu, responsável pela crise econômica que assolava o país; e os negros, homossexuais e ciganos, que não faziam parte da ideologia eugenista, já que não eram puros e fortes como os arianos, dessa forma eram considerados um perigo ao exército nazista, já que não comprometeriam a segurança do Estado alemão. Ocorre também na Palestina, em que os israelenses reivindicam um território que não é deles e utilizam do discurso para associar a figura do árabe como terrorista, apenas para justificar seus atos de violência e repressão ocorridos na região. Além disso, também usam o Holocausto como uma desculpa para justificar seus atos alegando ser uma questão de defesa, embora seja apenas uma estratégia de manipulação para atender seus interesses em ocupar e controlar o Estado palestino.

Essa manobra da distorção de fatos para benefício próprio em razão de manipular ou articular massas é um dos principais recursos de demagogos, que aproveitam de sua influência para manipular indivíduos a atender interesses particulares. Essa manipulação de discursos não deve ser encarada como sempre a propagação de informações falsas, há de se pensar no que é difundido, ainda mais quando se trata da construção de um inimigo. Não quer dizer, por exemplo, que todos os judeus e palestinos são/foram vítimas, mas não tem como associar uma raça ou crença inteira baseada em um pedaço de informação.

A série *Black Mirror* ganhou notoriedade por retratar os piores medos da humanidade com os avanços tecnológicos, pois assim como o conceito construtivista de anarquia, a tecnologia pode ser tanto cooperativa, quanto conflitiva na nossa sociedade, dependendo de quem as utiliza, pode se transformar em uma ferramenta de desenvolvimento ou destruição. *Men Against Fire* retrata uma sociedade que persegue uma raça porque, assim como as forças militares, foram condicionadas a odiá-la, reforçando uma imagem de inimigo que nunca apresentou ameaça para eles.

Isso não é nada diferente dos exemplos citados anteriormente e a relação dos episódios da série com a realidade remetem a lógica de que a vida imita a arte e vice-versa. Já que a realidade está alcançando os cenários distópicos apresentados na série, em que a sociedade consegue reproduzir uma circunstância aparentemente “surreal”, isso nos faz repensar o rumo da humanidade e ajudam a popularizar o famoso jargão: “Isso é tão *Black Mirror!*”. A medida em que a sociedade detiver o poder nas mãos e nosso sistema de poder for representativo, o poder de escolha será moeda de troca nas

mãos daqueles que desejam se manter no poder e farão de tudo para manipular a sociedade, cabe a nós, prestarmos mais atenção nos discursos e debatermos seu conteúdo e a forma em que ele é transmitido.

No episódio “Engenharia Reversa”, a organização militar controla seus soldados por meio do sistema neural, em que eles alteram a realidade, alimentando-os com falsas informações, manipulando seus sentimentos e criando situações e problemas inexistentes. Dessa mesma forma, um estudo de Noah Chomsky, publicado pela redação do Pragmatismo Político, aponta que enfrentamos os mesmos problemas na realidade e elenca as dez técnicas utilizadas pela mídia para manipular a opinião pública. Essas estratégias consistem, em suma, na distração do público, na criação de problemas que não existem e na exploração da emotividade sobre a razão, mantendo as massas ignorantes e adestradas a não incitarem revoluções.

Trazer essas manobras de manipulação para o centro das discussões e expor o quanto e como essas relações afetam o indivíduo, pode impactar diretamente sua forma de pensar e agir do indivíduo. Discutir suas consequências também é uma forma de alertar e prevenir a sociedade para não se deixar dominar. E por fim, esse estudo pode contribuir para gerar transformações na sociedade e na sua forma de se portar diante tais manobras, que atualmente é bastante pertinente na realidade em que nos encontramos.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Higgins, Bryn. *The Waldo Moment*. In: Brooker, Charlie. *Black Mirror*. Netflix. 44 minutos. 25 de fevereiro de 2013.

Lyn, Euros. *Fifteen Millions Merits*. In: Brooker, Charlie. *Black Mirror*. Netflix. 62 minutos. 11 de dezembro de 2011.

Tibbetts, Carl. *White Bear*. In: Brooker, Charlie. *Black Mirror*. Netflix. 44 minutos. 18 de fevereiro de 2013.

Verbruggen, Jakob. *Men Against Fire*. In: Brooker, Charlie. *Black Mirror*. Netflix. 60 minutos. 21 de outubro de 2016.

Wright, Joe. *Nosedive*. In: Brooker, Charlie. *Black Mirror*. Netflix. 63 minutos. 21 de outubro de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais. *Lua Nova* [online]. 1999, n.47, pp.201-246

BROOKER, Charlie. “Charlie Brooker: the dark side of our gadget addiction”. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>>

CASTRO, Thales. Teoria das relações internacionais / Thales Castro. – Brasília: FUNAG, 2012.

Charlie Brooker: the dark side of our gadget addiction. Charlie Brooker. 1 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>

CORDEIRO, Luís Eduardo Pombo Celles. Legitimidade no emprego das FFAA: o entendimento sobre o DIH em diferentes públicos. In: 3º SEMINÁRIO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI), 29 a 30 de setembro de 2016, Florianópolis, SC. Anais (on-line). Disponível em:

<http://www.seminario2016.abri.org.br/resources/anais/23/1474573440_ARQUIVO_Le gitimidadoempregodasFFAAoentendimentosobreoDIHemdiferentespublicos.pdf>

DA LUZ, TIAGO HENRIQUE. *NAZISMO E MISTICISMO ALEMÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX*. Trabalho de conclusão da disciplina de Pesquisa Histórica,. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,. Departamento de História. Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira. CURITIBA. 2013. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/08/tiago_henrique_luz.pdf.

DE ARARIPE, Rafaela Dourado. A MANIPULAÇÃO DO DISCURSO NA LEGITIMAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NA PERSPECTIVA DA OBRA DE GEORGE ORWELL “A REVOLUÇÃO DOS BICHOS”. In: Congresso Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito - CONPEDI, 10, 2012, Niterói, RJ. Anais (online). Niterói: CONPEDI, 2012. Disponível: <http://www.publicadireito.com.br/publicacao/livro.php?gt=54>.

DINIZ, Eugênio. Terrorismo catastrófico: Inimigo real ou imaginário? In: JOBIM et alli (orgs.), *Segurança internacional: Perspectivas brasileiras*, p. 205-222.

Gomes, Luiz Flávio. As dez técnicas mais usadas pela grande mídia para manipular a realidade. 24 de julho de 2015. Redação Pragmatismo. Pragmatismo Político. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/07/as-dez-tecnicas-mais-usadas-pela-grande-midia-para-manipular-a-realidade.html>>

Grossman, Dave. *On killing: the psychological cost of learning to kill in war and society* / Dave Grossman. — 1st ed. Back Bay Books. 1996. Disponível em: <https://archive.org/stream/On_Killing/On_Killing_djvu.txt>

HARRISON, Angus. “We Spoke to Charlie Brooker About 'Black Mirror,' Fear, and the Future of Satire”. Disponível em: <https://www.vice.com/en_au/article/kwk7km/charlie-brooker-black-mirror-netflix-interview>.

INIMIGO. Dicionário online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=inimigo>>

Jakobs, Günther *Direito Penal no inimigo: noções e críticas* / Günther Jakobs, Manuel Cancio Meliá; org. e trad. André Luís Callegari, Nereu José Giacomolli. 2. ed. - Porto Alegre: Livraria do Advogado Ed., 2007.

LEITE, Lucas Amaral Batista. A construção do inimigo nos discursos presidenciais norte-americanos do pós-Guerra Fria [recurso eletrônico] / Lucas Amaral Batista Leite. – 1. Ed. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2013.

MACLUHAN, Marshall. Understanding Media: The Extensions of Man. McGraw-Hill Book Company (Nova York, Toronto, Londres). 1964

MARSAHLL, Samuel Lyman Atwood. Homens ou Fogo? – 2 ed. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003. Tradução de: Men Against Fire: The Problem of Battle Command, 1947, por Gen Moziul Moreira Lima.

Monasta, Attilio. Antonio Gramsci / Atillio Monasta; tradução: Paolo Nosella. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MORENO, Marta. Terrorismo: Em busca de uma definição universal. In: BRIGAGÃO & PROENÇA JR., Panorama brasileiro de paz e segurança, São Paulo: Hucitec, 2004, p. 329-352.

Nogueira, João Pontes Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates / João Pontes *Nogueira*, Nizar *Messari*. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

SAHD, Fábio Bacila. Palestinos: as vítimas ulteriores do holocausto. Universidade Estadual de Maringá (UEM). Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v. 2 nº 3 p. 143-171 Set./Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ibeipr.com.br/conteudo/academicos/palestinos.pdf>>

WENDT, Alexander; DUQUE ESTRADA, Rodrigo. A ANARQUIA É O QUE OS ESTADOS FAZEM DELA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA POLÍTICA DE PODER. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 420-473, set. 2013. ISSN 2316-8323. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/2188/1525>>